5

ARENDT

1

VILÉM FLUSSER Da banalidade do mal.

O estudo que Hannah Arendt fez do processo de Eichmann tem por subtítulo as palavras que escolhi como título deste artigo. Mas o meu propósito é ligeiramente diferente do dela. Ela procura mostrar a banalidade do mal colossal, e eu procurarei analisar a banalidade do mal corriqueiro. Ela tenta provar que a impressão seguinte é falsa: males gigantescos são cometidos por criminosos gigantescos, por monstros. Que, na realidade atual, males gigantescos são cometidos por funcionários insignificantes e banais, empregados por aparelhos gigantescos. Eu tentarei tratar do lado avesso do problema: de como pessoas responsáveis e cultas, quando empregadas por aparelhos insignificantes, cometem males insignificantes que nunca teriam cometido enquanto pessoas responsáveis e cultas. Em outras palavras: Hannah Arendt trata do aparelho enquanto transformador de gente insignificante em funcionários poderosos e destrutivos; e eu tratarei do aparelho enquanto transformador de gente responsável e culta em funcionários incômodos e chatos. O tema de Hannah Arendt é, sem dúvida, mais empolgante que o meu. Mas o meu é mais dia a dia, e caracteriza mais a vida na atualidade. Juntos, os dois temas formam os dois lados da banalidade do mal, que é um dos problemas mais vitais que sofremos.

Todos temos a vivência do aparelho chato, nem todos, felizmente, do aparelho destrutivo. Quem é apanhado na engrenagem do aparelho destrutivo, (por exemplo do nazismo), tem a sensação de terror e de ser triturado. E quem entra, desprevenido, na engrenagem do aparelho chato, (por exemplo de uma firma comercial ou de um instituto de ensino), tem a sensação do cômico e da futilidade. Mas a distinção é provisória, fortuita e perigosa. Lembro-me do período de formação do nazismo, quando o seu aspecto cômico e fútil era perfeitamente visível. Mais tarde o terror apagou este aspecto. E a comicidade dos aparelhinhos chatos encobre o fato da sua tendência de triturar-nos aos poucos. Tivesse sido tomado a sério o nazismo, quando ainda aparelhinho cômico, e talvez não teria tido Eichmann. Com este aviso horrível em mente passo a descrever a vivência desses monstros que nos cercam de todos os lados.

Começarei por descrever uma cena. Pessoas adultas e cultas estão sentadas em redor de uma mesa. Mas não convivem, não conversam, não se comunicam enquanto homens de carne e osso. Estão engajadas em ritual característico da nossa época: funcionam. Os seus gestos são levemente caricatos, os seus rostos máscaras óra de seriedade animal, óra de hilaridade levemente idiótica, as suas vozes têm timbre mecânico, consequência de uma imitação de emoções, e o mais cômico do ato ritual é sua terminologia. Apoiam moções, repartem departamentos, votam membros mortos, criam comissões, deliberam, os que concordam ficam como estão, dirigem-se uns aos outros em ordem hierárquica reminescente do galinheiro, e passam nessa redoma de termos horas a fio. Isto provoca no participante desprevenido várias reações em conflito. A primeira é a impressão de tudo

na
soluções

VILÉM FLUSSER

isto não passar de pesadelo kafkiano. "Acordarei", diz o coitado, "e reencontrarei atrás das máscaras as pessoas que conheço". Mas por mais que se belisque, a cena não se desfaz em neblina. A segunda reação é a de que os outros estão sonhando, ou estão debaixo de hipnose, e que é preciso acordá-los. Nesta esperança o coitado procura comunicar-se com os funcionários de maneira humana. Ai descobre que a sua atitude humana é tomada por excêntrica e cômica pelos participantes do rito, e que não são eles os alienados, mas ele. Finalmente procura participar inteiramente do ato, imitando os gestos, as atitudes, e a terminologia dos outros. Para isto precisa vencer não apenas a barreira do ridículo, mas também a barreira da honestidade. No começo falha na sua tentativa, por razões semelhantes pelas quais falha aquele que retorna à caverna para brincar com sombras. Mas com o tempo aprende e passa a funcionar como os outros. Integrou-se, deixou de ser alienado.

O rito que acabo de descrever tem finalidade. A finalidade é o produto visado pelo aparelho. (Por exemplo: parafusos, leis, alunos formados.) Mas a finalidade é problematizada por pelo menos dois fatores. O primeiro é a complexidade da engrenagem que faz com que o produto esteja encoberto pelas rodas e alavancas. Entre o funcionário e o produto estão as repartições, as comissões e os departamentos, de maneira que o produto esvanece. O segundo fator que problematiza a finalidade do rito é a motivação do funcionário, e que não é necessariamente, nem exclusivamente, o produto do aparelho. Quem entra em fábrica de parafusos, não visa necessariamente fazer parafusos, mas necessariamente visa ser membro, ("nato" ou adoptivo), de um departamento. O interesse do funcionamento, originalmente investido no produto do aparelho, é desviado para o aparelho mesmo. O produto tende a transcender o horizonte do funcionário, e como tal torna-se indiscutível. Imagine-se ~~em~~ o espanto causado por aquele que propuzesse em mesa redonda numa fábrica de parafusos a discussão da utilidade de parafusos.

Mas simplifiquei o problema. Descrevi a situação como se fosse a seguinte: quero fazer parafusos. Quero, porque gosto de parafusos, e porque quero ser útil, à minha maneira, à sociedade e quero viver disto. Entro em fábrica de parafusos. Verifico que preciso integrar-me na sua engrenagem, ou morrer de fome e nunca fazer parafusos. E verifico que a minha integração na engrenagem modifica a minha forma de ser, (digamos, humana), e afasta os parafusos. No entanto, a situação não é tão simples. Há alguns, (talvez a maioria), que se adaptam gostosamente ao aparelho, e nele se sentem como peixes na água. São funcionários natos. A cena que descrevi é a sua maneira autêntica de ser e de conviver com os outros. Realizam-se como membros de repartições, e investem comités com interesse existencial, como se comités fossem algo. Receio que estes seres são os portadores do futuro, já que os aparelhos moem o seu paraíso. Mas, felizmente, os recentes movimentos da juventude europeia e americana parecem querer desmentir meu receio.

Devo portanto distinguir entre funcionários natos e naturalizados. (Porque

VILÉM FLUSSER

funcionários somos atualmente todos.) E o problema do qual trato, o da banalidade do mal, se dá apenas para os naturalizados. Os outros vivem no melhor dos mundos. Pois em que consiste essa banalidade do mal, do ponto de vista do funcionário naturalizado? Creio que nisto: na sua tendência obstinada de transferir os valores pré-aparelhísticos para o aparelho. Por exemplo: o valor do diálogo aberto, o valor da amizade, o valor da busca da verdade, o valor da busca da realização de si mesmo na obra. Estes valores são humanos e não cabem dentro do aparelho. O funcionário assim equivocado toma as atitudes dos demais funcionários por falsidades, por má fé, por resultados de motivos subalternos, quando na realidade são autênticas atitudes do funcionamento. O seu engano é este: continua tomando os outros funcionários por aquelas pessoas que conheceu fora do aparelho, quando, na realidade, são rodas da engrenagem. É um engano ontológico o seu. E neste engano banal reside o mal disto tudo. E pode ser resumido na seguinte sentença: para o funcionário naturalizado o aparelho é um mal infelizmente necessário para alcançar o produto, e para o funcionário o aparelho é um bem em si mesmo.

A transformação ontológica sofrida por uma pessoa no aparelho, a sua mutação para funcionário, é um espetáculo terrificante para o funcionário apenas naturalizado. Não reconhece mais no funcionário o outro. Mas quando descobre a banalidade deste mal, reconquista o senso de ironia. E este senso de ironia me parece ser a única salvação da situação que nos cerca. Dedicarei o resto deste artigo à consideração desta possibilidade.

O ideal da liberdade é, creio, o mais empolgante entre todos. Certamente, como valor, é superior ao da vida, e "give me liberty, or give me death" não é uma frase vazia. Não entrarei na discussão da problemática da liberdade. Não discutirei como ela é problematizada pela determinação no plano da natureza, e pela liberdade dos outros no plano da sociedade. Direi apenas que a liberdade, com toda a sua problematicidade, é a máxima tarefa da vida. Conquistar constantemente a sua liberdade é viver dignamente. Perto do fim do Fausto Goethe diz: "Ja, diesem Sinne bin ich ganz ergeben, das ist der Weisheit letzter Schluss: nur der verdient sich Freiheit und das Leben, der taeglich sie erobern muss". (Sim, a isto estou inteiramente dedicado, isto é a derradeira conclusão da sabedoria: apenas aquele merece liberdade e vida, quem precisa conquistá-las diariamente). Conquistar constantemente a liberdade, para realizar sua vida em obra, acrescentarei, e creio perfeitamente dentro do espírito goetheano.

Pois atualmente esta conquista da liberdade deve dar-se em luta, não tanto contra a natureza ou contra os outros homens, mas contra o aparelho em sua cretinice infra-humana. E deve dar-se na dependência dos aparelhos, sem os quais sobreviver é impossível. Numa dependência tão dramática quanto o foi, antigamente, a dependência da natureza e da sociedade. De forma que o grito do Ipiranga é um exagero. Não se trata de independência ou morte, mas de liberdade na dependência ou morte. Não podemos ser independentes dos

VILÉM FLUSSER

aparelhos, mas podemos constantemente lutar para sermos livres deles. Esta liberdade reside na nossa superação do aparelho pela nossa transcendência como homens. Pela atitude irônica que podemos assumir diante deles. Esta ironia não é necessariamente uma atitude passiva. Podemos, a partir dela, perfeitamente participar dos aparelhos com a finalidade de alterá-los. Mas devemos participar do seu jogo não com o fito de ganhar, mas de alterar o jogo. Não devemos esquecer nunca que se trata de jogo, e de jogo extremamente chato, mas de jogo sério no sentido de necessário para a nossa sobrevivência imediata. Mas se a liberdade é valor superior à vida, podemos conservar a nossa ironia a despeito disto.

Em suma: devemos reconhecer que o aparelho é um mal, um mal necessário e inevitável. Mas que é um mal banal, e que pode ser superado por esta sua banalidade. Nesta banalidade reside, creio, a nossa esperança, como indivíduos, e como sociedade.